

SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

DIFERENTES MODALIDADES DE ATUAÇÃO COM CRIANÇAS COM DISTÚRBIOS GLOBAIS DO DESENVOLVIMENTO EM SUA RELAÇÃO FAMILIAR: RELATO DE EXPERIÊNCIA

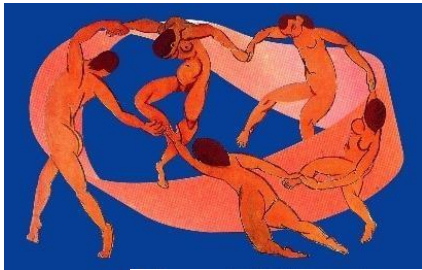
Autoras: Alana Araceli Placidino Gonçalves¹²; Carolline de Castro Lima¹²; Giovanna Movio Pelisson Machado¹²;

Coautoras: Selmara Merlo Londero¹; Maribél de Salles de Mello²;

E-mail: alana.aapq@gmail.com; carollineuel@gmail.com;
giovanna.movio@gmail.com; selmara_9@hotmail.com;
maribelmelo@hotmail.com;

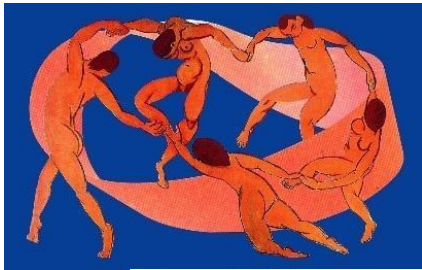
Instituições: Universidade Estadual de Londrina¹; Espaço Escuta².

A Psicanálise surge nos meados do século XX, fundada por Sigmund Freud a partir de seus estudos sobre a histeria. Sua experiência clínica com as histéricas o embasou nas formulações sobre o inconsciente e a sexualidade. Mais tarde, avançando tanto em teoria quanto em evidências clínicas, Freud escreve sobre o desenvolvimento psicosssexual e seus caminhos na infância e na vida adulta. Tal arcabouço está presente desde então em toda a compreensão acerca dos fenômenos psíquicos na clínica psicanalítica. A clínica infantil na Psicanálise utiliza-se do brincar como instrumento de acesso aos conteúdos inconscientes da criança, dando nome às vivências, constituindo bordas no corpo, inscrevendo-a na linguagem, elaborando questões subjetivas e buscando um reposicionamento no lugar ocupado em suas relações familiares. O recurso do brincar é fundamental para as sessões analíticas e, para além da brincadeira em si, sua utilização se dá no interpretar e significar as fantasias infantis depositadas na construção do jogo. Como aponta Franco (2003), as teorias psicanalíticas iniciais acerca da temática identificam no brincar um



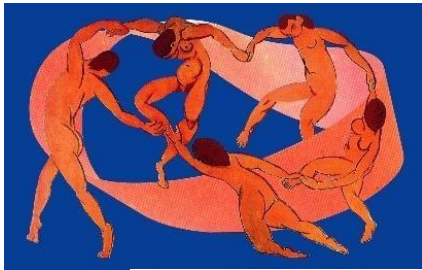
SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

veículo de comunicação da criança consigo e com o outro, propiciando experiências de integração e desintegração com seu exterior. Diante dessa ideia, a relação familiar recebe um foco necessário e sutil de trabalho, pois segundo considerações teóricas de Rodolfo (1990), o estabelecimento de uma relação de investimento entre mãe e bebê possibilita o desenvolvimento de todas as potencialidades subsequentes da criança. O vínculo criado com os parentais é essencial para determinar se uma criança pode advir enquanto sujeito inserido no meio social e cultural, suas marcas simbólicas irão se compor através de um discurso de suposição, convocação e investimento, e desta forma, podem propiciar que a criança se constitua subjetivamente e fisicamente. O trabalho com crianças em quadros de comprometimento ou distúrbios em seu desenvolvimento global envolve a composição de uma multiplicidade de saberes a fim de atender às mais diversas demandas, necessitando assim, de um diálogo constante de integralidade. Para além de toda questão orgânica, é essencial que a criança possa existir enquanto ser vinculado ao desejo, inicialmente provindo da figura materna. Nesse sentido, como aponta Schmidt (s.n., p.3), “não basta que uma criança fale corretamente se não tiver nada de seu a dizer, [...] que de nada vale um movimento tônico perfeito que não esteja vinculado ao adequado desejo de atingir determinado fim pelo desejo”. Frente à problemática abordada, torna-se indispensável que o atuar psicanalítico na clínica infantil, não se realize unicamente com o paciente mas caminhe junto com o núcleo familiar, a fim de que, tanto a criança como seus familiares, descubram o prazer e o mundo simbólico que circunscreve o brincar. O presente trabalho tem como objetivo relatar as experiências distintas de três estagiárias da Universidade Estadual de Londrina na instituição Espaço Escuta em três ocasiões: sala de espera, “espaço amarelinha” e atendimentos individuais. Além disso, pretende relacionar as experiências à teoria psicanalítica, evidenciando um olhar à criança e à sua relação familiar em diversas modalidades de atuação profissional. A referida instituição está localizada na região central da cidade de Londrina, estando registrada nos Conselhos Municipais de Assistência Social e dos Direitos da



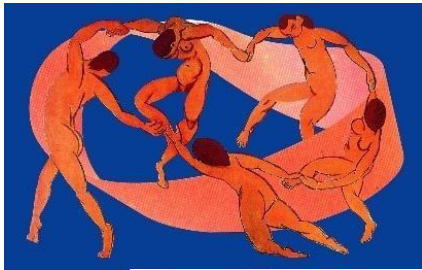
SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

Criança e Adolescente de Londrina e credenciada pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Através da oferta de atendimento interdisciplinar e gratuito à gestantes, mães/bebês, crianças e seus familiares, busca-se identificar previamente indicadores de risco para o desenvolvimento da criança, além de prevenir o agravamento dos Transtorno do Desenvolvimento Global (TDG) na infância. O viés transdisciplinar de atuação se justifica no intuito que diferentes profissionais e especialidades (Psicólogos, Fisioterapeutas, Fonoaudiólogos etc.) se utilizem do seu saber técnico de formação, porém, sempre se fundamentando por uma concepção ética comum de trabalho, neste caso, a ética da teoria psicanalítica. Cada estagiária desenvolveu a prática em saúde em diferentes modalidades de atendimento que ocorriam em distintos ambientes da instituição. A sala de espera se refere a um território composto pela observação dos detalhes da relação mãe-filho, de modo que a experiência contribui à melhor compreender a constituição subjetiva dessas crianças, que pode iniciar-se ou expressar-se desde o momento que se espera para o atendimento. Como afirma Silva (2014, p.44), “assistimos aos vai e vens de um psiquismo em pleno processo de estruturação no qual o papel do analista, como um outro que se oferece para transitar as peripécias do processo de subjetivação, é mais do que nunca fundamental”. A interação das mães com seus filhos, acaba se expressando nesse local em que nada é proposto de forma diretiva. Todavia, o que se observa é que a maneira como as mães e seus filhos chegam na instituição e agem enquanto esperam pelo o atendimento, diz muito dos reflexos dessa relação. Na sala, alguns dispositivos relacionados ao brincar ficam expostos como um meio interativo para a criança e quem a acompanha e, percebe-se, de acordo com Jerusalinsky (2014), como o brincar é uma produção ampla, que passa por mutações e se apresenta de diversas formas ao longo de toda infância, pois a criança vai articulando diferentes respostas diante do Outro, ainda que se apresente uma certa repetição em torno de temas específicos do brincar. Um paciente, com 5 anos, sempre que chegava na instituição para atendimento já logo ia sentando na mesa para brincar, convocava sua mãe, e esta, por sua vez,



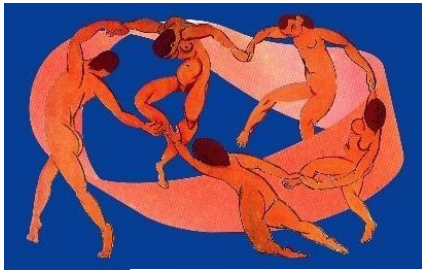
SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

até que respondia à suas convocações, se levantando e sentando ao lado do filho, contudo, não dava conta de sustentar todo processo que envolvia o brincar. Rodolfo (1990) afirma que, “[...]quando uma criança se deixa cair ou deixa cair o olhar que a sustenta, escapa e reaparece com o gozo duplicado do esconder-se e do reencontro[...]” (p.118). A criança nesse caso, não tinha esse olhar para buscar reencontrá-lo e, por isso, convocava a mãe como uma tentativa de encontrar este olhar perdido, que poderia funcionar como organizador e sustentador dessa relação mãe-filho. Pensando nisso, Manfroni (1998), discorre que “[...] a mãe é quem se encarrega das mais diversas funções para a criança, é preciso que ela se ofereça como um sistema corporal para esse outro corpo, dando espaço para que esse sujeito possa eclodir [...]”. Vale lembrar que a criança sempre chegava na instituição com as pernas bastante roxas e se lançava bastante em direção aos objetos, sem ter muita noção de seu próprio corpo. Jerusalinsky (2014, p.234) defende que “[...]“se brincar comporta um gozo da infância, também comporta um árduo trabalho psíquico desse sujeito em constituição, trabalho no qual o próprio corpo fica convocado[...]”. Dessa forma, o brincar enquanto dispositivo analítico e a relação mãe-filho também puderam ser observados através do Espaço Amarelinha. Constitui-se enquanto um grupo de mães, filhos e profissionais da psicologia transpassados pela Psicanálise. Acontecia uma vez por semana, no quintal da instituição: um espaço com árvores, um gramado e duas casinhas que possuíam diversos brinquedos dentro. As crianças e suas mães, sustentados pelos profissionais, brincam livremente. Neste espaço, a relação mãe-filho evidenciava-se através das brincadeiras, bem como as falhas simbólicas na relação também expressavam-se nas falhas simbólicas no brincar, no faz-de-conta, na dificuldade em transmitir o desejo e o prazer. Assim, através das intervenções e da sustentação dos profissionais, que por muitas vezes nomeavam, traduziam, (re)significavam e inscreviam o prazer nas brincadeiras, mãe e filho podem não só se reposicionar em suas relações, como também (re)construir o brincar. Como exemplo, foi possível observar a brincadeira de uma mãe e seu filho, um menino de 6 anos,



SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

durante um ano. No início, ela pouco participava das brincadeiras, permanecia sentada longe, aproximando-se apenas para fazer algum tipo de carinho no filho; entretanto, era um carinho sem delicadeza, sem palavras, apenas um toque no corpo, que muitas vezes era agressivo e chegava a assustá-lo. Com o tempo, as profissionais começaram a dar suporte não só ao brincar como também a relação dos dois: com brincadeiras que serviam de espelho para a mãe, brincadeiras conjuntas entre os todos os participantes do grupo e muita escuta. Ficou evidente que a forma como se apresentavam as brincadeiras entre mãe e filho, era também a forma como a relação estava se estabelecendo, com uma falta simbólica e um engolimento materno. A brincadeira, enquanto dispositivo analítico, nos conta sobre a relação mãe e filho. No final do ano, essa mãe já aproximava-se mais do filho, participava das brincadeiras, entrava no faz-de-conta, incluía sentidos e significados nos brinquedos e brincadeiras, bem como a criança passou a expressar-se utilizando palavras, já não permanecia colada ao corpo dessa mãe, abria-se ao Outro. As sessões de atendimento individual ofertados pela instituição, podem ser direcionados somente à criança ou à criança e seu vínculo familiar. Quando há ausência dessas figuras parentais na sessão e ao considerar a especificidade do caso, os profissionais buscam dialogar as demandas trazidas na sessão com as questões que envolvem a situação familiar do paciente, a fim de favorecer o processo de elaboração, subjetivação e desenvolvimento do paciente. Os profissionais se utilizam do brincar como instrumento de intervenção e escuta à criança, bem como um meio de construção ou fortalecimento desse vínculo relacional com sua família. Diante deste cenário, é possível observar e intervir frente às interações entre mãe e filho, por exemplo, depositando atenção específica à maneira pela qual a mãe consegue convocar a criança, se a mãe consegue antecipar e supor as ações da criança de modo a dar uma representação simbólica e promover um sentido para tal. Em um dos casos acompanhados, um menino de três anos foi encaminhado à instituição por um retardo no desenvolvimento físico, motor e cognitivo, e juntamente com a presença de sua mãe, as sessões de



SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

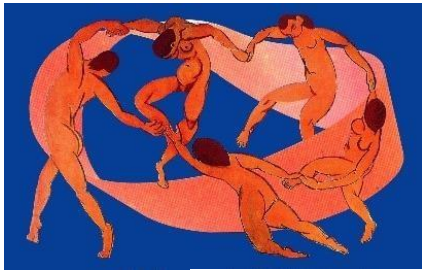
atendimentos semanais contavam com diferentes especialidades profissionais atuando com um foco de estimulação precoce em suas funções, apostando em suas potencialidades como ser subjetivo, acima de todo viés patológico imposto. Ademais, observou-se a relevância do viés psicanalítico nas sessões quando a mãe do paciente pôde descobrir o prazer e a ressignificação de vivências pessoais através do brincar junto ao menino, tornando-se assim, um veículo facilitador para o significativo vínculo maternal, e por consequência, efetivo para o desenvolvimento subsequente da criança. Manfroni (1998), discorre que é o discurso da mãe, de palavra em palavra, de letra em letra, que “despedaça” o corpo de seu filho, ao mesmo tempo que o unifica com seus dizeres. A partir da exposição das experiências das três estagiárias da Universidade Estadual de Londrina na instituição Espaço Escuta, torna-se possível concluir que as diferentes modalidades de atendimento, bem como a transdisciplina - a Psicanálise que transpassa à prática dos profissionais - promovem uma melhor atuação e escuta em crianças com transtornos globais de desenvolvimento, bem como a importância do olhar à suas famílias e relações familiares. Por meio do brincar, que é oferecido de modo prazeroso, com investimento e desejo, a criança se realiza na ação, e, desta forma, são trabalhados diversos fatores que envolvem seu desenvolvimento e suas relações. Sendo assim, ele é constitutivo, serve como função organizadora, permite a ressignificação de seu funcionamento, de tal forma que passa a poder dizer de si e se reposicionar no mundo de um modo mais ativo e singular.

Palavras-chave: Transdisciplina; Psicanálise; Relação Familiar; Clínica Infantil.

Referências

Franco, S. G. (2003). O brincar e a experiência analítica. *Ágora*, 6(1), 45-69. Recuperado em 10 agosto, 2019, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982003000100003.

Jerusalinsky, J. (2014). VII Jogos constituintes do sujeito: O brincar no laço mãe-bebê como inscrição de um litoral. (ED.). *A criação da criança: Brincar, gozo*



SIMPÓSIO DE PSICANÁLISE E PRÁTICA MULTIDISCIPLINAR NA SAÚDE

e fala entre a mãe e o bebê. Salvador, BA: Álgama. (pp. 231-271).

Rodolfo, R. (1990). As teses sobre o brincar (III): O desaparecimento simbolizado. (ED.). *O brincar e o significante: um estudo psicanalítico sobre a constituição precoce.* trad. Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Antes Médicas. (pp.115-127).

Manfroni, A.C. (1998). O corpo da criança, o significante e a voz. *Tempo Freudiano Associação Psicanalítica*, São Paulo. Recuperado em 11 agosto, 2019, de <http://www.tempofreudiano.com.br/index.php/o-corpo-da-crianca-o-significante-e-a-voz>

Schmidt, A. P. (s.n.). Multidisciplina, Interdisciplina e Transdisciplina na Abordagem Terapêutica dos Transtornos do Desenvolvimento na Infância. Brasília, DF, 1-4.

Silva, M.C.P. (2014). Três analistas e um paciente: diálogos analíticos sobre uma criança com autismo. *Jornal de Psicanálise*, 47(87), 143-161. Recuperado em 10 agosto, 2019, de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v47n87/v47n87a09.pdf>